

Duas pessoas LGBTI+ assassinadas no Brasil nessa semana

Por: Isaac Porto – Consultor LGBTI de Race & Equality para o Brasil

Na mesma semana em que se completa 1 ano da execução política de Marielle Franco, mulher, negra, bissexual, defensora dos direitos humanos, criada na Favela da Maré e que atuava como vereadora na cidade do Rio de Janeiro, o Brasil registrou no mínimo duas mortes a pessoas LGBTI+.

Uma foi a do jovem Fabio Silva, estudante gay cujo corpo foi encontrado carbonizado no último domingo na cidade de São Félix do Xingu, ao lado de sua motocicleta, que também foi incendiada. A segunda foi a da jovem transexual Pâmela, que foi assassinada com 3 tiros na cabeça na cidade de Santa Luzia do Pará. Conforme dados do Grupo Gay da Bahia, em 2018 o Pará foi o 7º estado com mais notificações de mortes de LGBTI+. Os dois casos ocorreram em cidades do interior, o que aumenta a dificuldade em obter informações sobre as circunstâncias em que os crimes ocorreram.

Para além do fato de que ambos se identificavam enquanto LGBTI+, as duas mortes têm em comum o alto grau de violência empregado. O dossiê "Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018", elaborado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) e pelo Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), registra o quanto as mortes de pessoas LGBTI+ são marcadas pelo alto número de tiros, pelas carbonizações e pelas práticas de tortura, o que confirma o ódio que existe a LGBTI+ no Brasil.

Para Janaina Oliveira, coordenadora da Rede Afro LGBT, as violações contra as pessoas LGBTI+ tem tido um tom ainda mais violento no Brasil. Em sua visão, para além da discriminação em função da orientação sexual e identidade de gênero, os discursos de ódio têm estimulado cada vez mais que atos criminosos ocorram com mais barbárie. Para piorar, o sentimento de impunidade estimula ainda mais esses atos, de modo que crimes como estupro, esquartejamento, agressões, ameaças e queimar pessoas se deem como processos naturalizados. Janaina também enxerga o quanto o discurso de Bolsonaro legitima a violência a LGBTI+:

“Um Presidente que inicia sua gestão dizendo que o politicamente correto vai deixar de existir no país, estimula e contribui para essas violências. Vivemos um momento em que o

país é comandado por setores conservadores, que em nome da "moral e dos bons costumes" esquecem o fundamental, garantir a todo cidadão e cidadã brasileira o direito à vida. E sobre garantir vidas, a população LGBT também precisa ser protegida”.

No país que mais mata pessoas trans no mundo, a pergunta que precisa ser feita sobre esses crimes não é tanto qual foi a intenção de quem matou, mas, sobretudo, em que medida as vidas das pessoas LGBTI+ no Brasil são marcadas por um contexto de extrema violência, bem como se o Estado Brasileiro garante ou não a vida dessas pessoas e, também, sob que condições as vidas delas são garantidas. O principal desafio das pessoas LGBTI+ é se manterem vivas.

Race and Equality continuará a sua luta por igualdade e convoca o Estado Brasileiro a investigar as mortes de LGBTI+ no país e, sobretudo, a garantir que todas as pessoas possam expressar a sua orientação sexual e a sua identidade de gênero livremente no Brasil.